

Poucas palavras para um grande livro.

Nas minhas incursões interdisciplinares sempre me senti intelectualmente desconfortável com a Linguística e as Ciências da Educação, por razões diferentes. No primeiro caso, frequentemente num diálogo com a Semiótica, confrontava-me com uma arquitectura conceptual monumental, rigorosamente concebida e frequentemente experimentada e testada que ultrapassava as minhas capacidades de compreensão. No segundo caso ficava sistematicamente com a angústia da articulação disciplinar ainda insuficiente e com uma percepção pragmática incapaz de preencher os meus anseios de uma compreensão rigorosa das potencialidades e fracassos de uma praxis de docente.

Eis duas limitações, exclusivamente imputáveis ao meu percurso de vida, suficientemente consistentes para não ter o atrevimento de depositar no início deste magnífico trabalho quaisquer palavras. Se a ternura do relacionamento humano sentido em Cabo Verde, o prazer do diálogo com os alunos, maravilhosamente diferentes nas suas idiossincrasias, ou o gosto por tudo que permita elucidar a teia social do continente africano – onde o arquipélago mergulha apenas uma parte da sua auto-imagem – poderiam justificar algum atrevimento, era em insuficiente intensidade.

Nada direi sobre o conteúdo do livro que agora vos é apresentado. Outros o farão com engenho e arte, ausentes neste breve comentário. Limitar-me-ei a reconhecer que aprendi muito com a sua leitura e que me foi um grato prazer, quicá inesquecível, ter a ilustre autora como aluna do mestrado em Estudos Africanos em duas disciplinas, uma ligada à Epistemologia e Metodologia das ciências da realidade humana e outra ao Desenvolvimento Económico e Social.

Vários factores biológicos, cognitivos, ideológicos, pedagógicos e de história individual – onde o acaso catastrófico amiudadamente impera – tornaram-me um herege na aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo como veículo de comunicação oral. Nessa relação de amor e desconfiança com as diversas línguas que hoje são indispensáveis e que, apesar de tudo, me foram dando ao longo da vida o prazer de ler alguns grandes romancistas e filósofos na sua língua materna, as atribuições e complexos com o inglês estiveram bastante presentes desde que no antigo ensino secundário me defrontei com ele. Foram precisos mais de quatro décadas de atribuições, durante os quais acartei com a totalidade das responsabilidades das adversidades, para vir a encontrar neste texto uma explicação, cientificamente elaborada, para algumas das minhas inquietudes. Não é por acaso que tal aconteceu. Consumou-se porque este livro é o produto de uma problematização, de uma experimentação e de uma reconstrução intelectual de muitos e intensos anos. O Mestrado em Estudos Africanos levou a esta tese porque foi um período de reflexão dirigida, de concentração de vontade e, sobretudo, um catalisador de uma força forjada ao longo dos anos.

Nos mestrados encontramos alunos com características muito diferentes e com projectos pessoais do mais diverso tipo. Quando os padrões culturais dos alunos são diferentes, e não precisam de ser muito diferentes, dos nossos, aprendemos e somos mergulhados na interculturalidade. Foi o que mais uma vez nos aconteceu com o mestrado realizado no Mindelo. Ficamos automaticamente impedidos de sermos levados pelas primeiras impressões do contacto humano – aquelas que Bachelard prudentemente sugeriria que mandássemos para o lixo –, pelas classificações estereotipadas e castradoras da compreensão da riqueza, bela, da comunicação humana.

Pedindo desculpa aos mestrandos que fizeram a viagem comigo nesse mestrado e que aqui não são citados, não posso deixar de fazer algumas apreciações que me permitam lembrar o que na autora deste livro me chamou a atenção. Um mestrado contém uma certa probabilidade de ascensão na sociedade estratificada. Por isso mesmo cada um tende a colocar-se numa curva que liga dois pontos extremos: exclusiva preocupação com a aprendizagem e a formação cultural *versus* exclusiva preocupação com o seu estatuto social e progressão profissional. Não há uma relação determinista entre o posicionamento nessa curva e a qualidade da tese produzida, mas há uma forte probabilidade de quem se situar mais próximo do primeiro ponto fazer uma tese de melhor qualidade. E poderemos encontrar justificações para tal: maior liberdade na escolha do tema e da problemática, menor dependência das ideias feitas (por vezes asquerosamente coladas a uma das maiores fraquezas da cidadania contemporânea: o “politicamente correcto”), motivações diferentes para ter encetado novamente um percurso académico. Maria Trigueiros sempre se situou na exclusiva motivação cultural.

Um outro indicador a que sou particularmente sensível é a capacidade do formando para ouvir e assimilar um discurso divergente do seu, uma problematização e análise que ponha em causa as suas ideias feitas. Enfim, o que frequentemente se designa por “capacidade de ouvir”, mas que é muito mais do que isso pois comporta a fase seguinte: a integração das ideias diferentes, quicá divergentes ou contraditórias, na sua própria maneira de pensar, estruturalmente associada à consciência de si. “Eu sei rigorosamente o que quero”, “já tenho a tese toda na cabeça”, “eu é que sei” são frequentemente indicadores de uma sobrançeria intelectual profundamente adversa ao deslumbramento pelo novo. No outro extremo, a modéstia intelectual – não se confunda com a tibieza ou a insegurança, radicalmente diferentes – são sinais de uma correcta postura intelectual, do amor pelos desafios. É destes formandos que há maior probabilidade de saírem as melhores teses, mesmo quando aceitam a aventura de embrenharem-se pelos difíceis caminhos da interdisciplinaridade. Maria Trigueiros sempre manifestou a serena ânsia do novo.

Se a estes dois factos juntarmos uma rica experiência de vida, uma vasta cultura, um fino trato, uma perspicácia intelectual e uma escrita rigorosa e harmoniosa, concluiremos que desde o início estávamos perante uma crónica de sucesso previamente anunciada. Aqui está, neste livro.

Obrigado.

Carlos Pimenta

Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.